
O cotidiano como referência para compreensão das dinâmicas da produção jornalística

Carlos Alberto de Carvalho¹

Resumo: Reflexão sobre a inserção das atividades jornalísticas no cotidiano social, o que à primeira vista pode parecer escrever sobre o óbvio, afinal, a narrativa jornalística não é, para muitos estudiosos, senão uma espécie de “crônica do cotidiano”. No mínimo, é o cotidiano, com seus múltiplos acontecimentos, a matéria-prima essencial ao trabalho do jornalista. Nele é que se desenrolam os fatos que se transformarão nas informações que alimentarão os indivíduos em suas tomadas de decisão e em diversas modalidades de conhecimento da realidade que os rodeia. Não estamos, portanto, pensando o cotidiano apenas como o espaço dos eventos noticiáveis, mas como um “objeto de análise” a partir do qual nos seja possível lançar algumas luzes sobre a atividade jornalística. O cotidiano será tomado, assim, como o cenário em que se desenvolvem as ações humano-sociais, espaço de conflitos, de jogos de interesses, de encontros, de desencontros, de alianças e de rupturas, que são, potencialmente, a referência para a construção das narrativas jornalísticas.

Palavras-chave: jornalismo; cotidiano; realidade

Resumen: En este artículo reflexionamos sobre la inserción de las actividades periodísticas en la cotidianidad social, lo que a primera vista puede parecer escribir sobre lo obvio, dado que la narrativa periodística, para muchos estudiosos, no es sino una especie de “crónica de lo cotidiano”. Por lo pronto, la cotidianidad, con sus múltiples acontecimientos, es la materia prima esencial en el trabajo periodístico. En ella se desarrollan los hechos que se transformarán en las informaciones que influenciarán las decisiones de los individuos y que desembocarán en formas diversas de conocimiento de la realidad que los rodea. Sin embargo, no estamos pensando la cotidianidad solamente como el espacio de los acontecimientos que se pueden noticiar, sino también como un “objeto de análisis” a partir del cual se pueda iluminar la actividad periodística. La cotidianidad se tomará, entonces, como el escenario en el que se desarrollan las acciones humano-sociales, espacio de conflictos, de juego de intereses, de encuentros y desencuentros, de

¹ Doutorando (PPGCOM/UFMG). Bolsista da Capes e coordenador-assistente da pesquisa Mídia e Homofobia, do Ministério da Saúde/Esritório das Nações Unidas para Drogas e Crime.

alianzas y rupturas, que son, potencialmente, la referencia para la construcción de las narrativas periodísticas.

Palabras claves: periodismo; cotidianeidad; realidad

Introdução

A reflexão sobre a inserção das atividades jornalísticas no cotidiano social que desenvolveremos neste artigo tem como objetivo principal identificar, a partir de algumas contribuições sobre o que é o cotidiano, relações mais estreitas com as práticas informativas, em particular, as diferenças que marcam as especificidades da notícia e da reportagem. Não estamos nos referenciando no cotidiano apenas como o espaço dos eventos noticiáveis, mas como um “objeto de análise” a partir do qual nos seja possível lançar algumas luzes sobre a atividade jornalística. O cotidiano será tomado, assim, como o cenário em que se desenvolvem as ações humano-sociais, espaço de conflitos, de jogos de interesses, de encontros, de desencontros, de alianças e de rupturas. E que, já pelo menos desde os finais do século XIX, é fortemente perpassado pela presença crescentemente marcante das mais diversas modalidades de mídia, alterando noções importantes como tempo e espaço.

Nosso primeiro passo será a indicação de algumas contribuições teóricas que, embora em perspectivas analíticas distintas, nos ajudem a compreender o que é o cotidiano. Trata-se, pelas limitações deste trabalho, de algumas indicações, sem a pretensão de esgotar tema tão complexo. Ao final, tomaremos a proposta de Cláudio Abramo do jornalismo como uma espécie de “crítica de costumes” e desenvolveremos alguns aspectos relativos às atividades jornalísticas naquilo que elas implicam de reflexões sobre suas dimensões prático-teóricas. Neste ponto, proporemos uma possibilidade de abordagem das diferenças entre notícia e reportagem como duas modalidades distintas de se trabalhar jornalisticamente o cotidiano. Para cumprir este propósito, ilustraremos essas diferenças a partir de um texto jornalístico publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, tratando do assassinato de um professor, “militante gay”, tal como o apresenta a manchete da notícia.

Cotidiano, alienação e jornalismo

Para Karel Kosik o ser humano, em suas ações cotidianas, tende à alienação, à medida que não age, em suas atividades e formas de ver o mundo, de maneira reflexiva, mas como um indivíduo pragmático, que busca a solução imediata de seus problemas, não atuando, portanto, como ser que busca ir além das aparências daquilo que se apresenta para ele no dia a dia. Conseqüentemente, os homens adotam visões superficiais, a partir das quais não conseguem ir além daquilo que a eles é dado como real e verdadeiro. Segundo Kosik,

A atitude primordial e imediata do homem, em face da realidade, não é a de um abstrato sujeito cognoscente, de uma mente pensante que examina a realidade especulativamente, porém, a de um ser que exerce a sua atividade prática no trato com a natureza e com os outros homens tendo em vista a consecução dos próprios fins e interesses, dentro de um determinado conjunto de relações sociais (KOSIK, 1995:13).

Temos, nessa perspectiva, a expectativa de um agir humano permanentemente a buscar as explicações para os mais diversos elementos do cotidiano, em que a racionalidade é um componente essencial, ou condição mesmo para que o homem não se aliene em relação à realidade. Postulado próximo a este encontramos em Adelmo Genro Filho, ao discutir o jornalismo como possibilidade de construção de uma sociedade sem classes. Em que pese o autor não assumir suas proposições como eminentemente racionalistas, ao pretender o jornalismo como “instrumento” para a organização de uma nova sociedade, no mínimo Genro Filho idealiza o leitor/consumidor de notícias, pelo desejo de que ele busque na informação jornalística um instrumento de crítica social que leve à instauração do socialismo, ou mais especificamente, como define o próprio autor, para a “auto-construção humana”. Em Genro Filho, a expectativa é de um consumidor de notícias em permanente estado de “vigilância” e dotado de saberes/vontades para a modificação da realidade social existente.

A partir dessa visão, o jornalismo seria para os indivíduos uma fonte de informação sobre o cotidiano que permitiria identificar as contradições sociais, levando à consciência da necessidade de mudanças na ordem das coisas. Naturalmente, o próprio jornalismo teria que se inscrever em nova modalidade de ação, que para Genro Filho deveria ser a mudança da noção de “pirâmide invertida” (a narrativa dos fatos em ordem decrescente de importância) para uma abordagem que partiria dos aspectos singulares (vistos por ele como matéria-prima do jornalismo) para os aspectos universais (*grosso modo*, a compreensão da realidade a partir de seus elementos complexos, em que ela se apresenta como algo explicitado em todo os seus pressupostos). Ou seja, o jornalismo e a comunicação são elementos importantes na constituição racional do conhecimento que o homem tem de si mesmo e do mundo, o que se traduziria nessa nova abordagem da narrativa jornalística. Vamos ao autor:

A comunicação social só pode ser percebida como um dos aspectos da dimensão ontológica do homem, não como um atributo ou uma qualidade adquirida. A comunicação, sob o ponto de vista analítico, é um aspecto do *trabalho* e, mais particularmente, expressa a forma social de produção do conhecimento. Portanto, um aspecto da essência do homem como ser que trabalha e se apropria coletivamente do mundo de modo prático e teórico. Numa palavra, a comunicação é um momento da *práxis*. O Homem é um ser que domina e compreende o mundo simultaneamente e, nessa medida, transforma a si mesmo e amplia o seu universo. A comunicação está no âmago da atividade prática coletiva, da produção social do conhecimento, que emana dessa atividade e, ao

mesmo tempo, a pressupõe. Portanto, está no âmago da produção histórica da sociedade e da autoprodução humana (GENRO FILHO, 1987:215 - com grifos do autor).

Apesar da natureza claramente racionalizadora da proposição de Genro Filho, no entanto, gostaríamos de reter um aspecto que nos parece de grande importância para a atividade jornalística: a necessidade de que a cobertura noticiosa não fique prisioneira de tratamentos superficiais. Sem pretendemos o jornalismo e a comunicação como “formas de conhecimento”, exceto naquilo que eles podem representar de indicações sobre os diversos eventos que constituem a realidade humano-social, vemos na proposta de superação da noção da pirâmide invertida um importante elemento para a crítica às formas sensacionalistas de produção noticiosa, além da observação de que determinadas coberturas não conseguem, de fato, identificar as conexões entre os múltiplos elementos que compõem o universo daquilo que está sendo noticiado.

No entanto, não pensamos a comunicação e o jornalismo como meros instrumentos para projetos de racionalidade humana, seja no sentido de manutenção de uma dada ordem sócio-econômico-cultural, seja na busca de uma alternativa àquela já existente. Assim também ressaltamos o quanto é complicada a noção da comunicação e do jornalismo como “formas de conhecimento”, uma vez que tal premissa está atrelada à idéia de que tal “conhecimento” deve ser, necessariamente, no sentido de se superar a suposta superficialidade que marcaria as ações humanas em seu cotidiano. Assim pensados, comunicação e jornalismo teriam que se inscrever em uma espécie de “descrição sociológica” do cotidiano, ao invés de serem, eles próprios, constituidores e constituídos do e pelo cotidiano. Veículos de comunicação não seriam mais o local da manifestação da diversidade e das contradições sociais, mas “operadores educacionais” a serviço de algum projeto de sociedade, vigilantes quanto ao cumprimento dos objetivos propostos por tal perspectiva.

Desse modo, parece-nos, o que é possível reter das proposições de Karel Kosik e de Adelmo Genro Filho é o alerta quanto a determinados tratamentos dados à realidade e ao jornalismo. Efetivamente, encontramos uma série de correntes teóricas e posturas de pesquisadores e/ou jornalistas que defendem para o jornalismo um tipo de comportamento que privilegia, intencionalmente, ou não, enfoques que não vão além de uma narrativa pouco consistente dos fatos noticiados ou que tomam como critério de noticiabilidade pressupostos quase exclusivamente estatísticos, como está expresso na mais conhecida definição de notícia que temos por aí, proposta pela teoria da informação: “se um cachorro morde um homem, não é notícia; mas se um homem morde um cachorro, é manchete”.

O cotidiano como cenário da vida e da ação jornalística

Em sentido diferente do anterior, vamos encontrar diversos estudiosos que vêem o cotidiano como o espaço de realização das atividades humanas sem a necessidade da racionalidade como princípio essencial. Mais importante em tais estudos é a expectativa de que a construção da realidade social não se efetua exclusivamente pelos projetos racionais, mas também a partir do “senso comum”, visto aqui na perspectiva de conhecimentos que não se validam, necessariamente, pela sistematização proporcionada pela ciência ou pela filosofia. Não se trata, para estes autores, de hierarquizar o conhecimento produzido por uma outra ou outra forma (científica ou de senso comum), mas de se perceber como o próprio conhecimento proposto pela ciência ou pelos poderes instituídos é permanentemente apropriado/reapropriado pelos indivíduos em seu dia a dia.

Em Michel de Certeau encontramos elementos importantes para uma nova compreensão do cotidiano como cenário em que o “ordinário da vida” se desenvolve em diversos sentidos, dentre os quais a racionalidade é apenas uma em meio a várias outras possibilidades de articulação da vida coletiva. Assim, os sentidos propostos por uma determinada instância, mesmo que não produzidos pelos consumidores deles, serão modificados à medida que a interpretação é uma atividade que não se limita à expectativa dos “enunciadores”. Diz-nos o autor:

A presença e a circulação de uma representação (ensinada como o código da promoção sócio-econômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização (DE CERTEAU, 1994:40).

Nessa modalidade de leitura do cotidiano e da inserção do homem nele, temos, segundo De Certeau, que identificar como formas não institucionalizadas de relações de poder se constroem permanentemente, como novas indicações de sentido para a vida. A produção cultural, na mesma direção, se enriquece, à medida que não temos na cultura apenas a transmissão de conhecimentos de geração para geração, nem a mera reprodução dos sentidos já existentes. Como uma nova abordagem identificamos nos postulados do autor a consideração aos modos de organização da vida como múltiplos, não pautados pelas premissas de organização exclusivamente burocrática ou proposta pelas esferas tradicionais de poder. No entanto, temos que partir do pressuposto de que sempre nos deparamos, na vida cotidiana, com as relações assimétricas de poder, e que são elas, inclusive, fundamentais no estabelecimento das lutas que potencialmente poderão levar às rupturas da ordem estabelecida.

Ao buscar na noção de cotidiano elementos que permitam compreender as interações que promovemos, tanto nas práticas das conversações diretas, quanto nas mediações a partir dos aparatos midiáticos, Beatriz Bretas diz-nos:

O cotidiano, enquanto uma categoria analítica, instala-se na ordem usual das coisas, reveste-se de hábitos e manifesta-se como circunstância regular e acostuada. Figura-se como palco de oscilações que comporta deslocamentos e abre-se para novas experiências, constituindo-se como realidade multicultural que compreende vários saberes (sensos) comuns. Pode ser visualizado de maneira fractal na medida em que se compõe de certas regras ou estandarizações. No entanto, como destaca Certeau (1994), é também permanentemente inventado para permitir o fluxo da vida, abrindo-se à criatividade. A quebra perceptível do cotidiano não é somente o inusitado, aquilo que altera os padrões, como tsunamis (que por sua vez também apresentam certas regularidades em termos de manifestação do fenômeno). O cotidiano carrega ambigüidades ao contemplar repetições e renovações das formas de sua manifestação (BRETAS, 2006:30).

A partir dessas premissas, o jornalismo pode ser interpretado como uma atividade que se volta para a captação da efervescência da vida social, com as contradições próprias de tal esfera. O jornalismo, também ele parte da vida social, está igualmente se desenvolvendo em uma atmosfera de conflitos internos e de contradições, em que ora é possível identificá-lo como atividade em sintonia com a diversidade da vida social e coletiva, ora é possível identificá-lo em sintonia restrita a setores que defendem interesses nem sempre legitimados por uma maioria. De qualquer modo, parece-nos ser precisamente essa contradição um dos elementos que re-situam as práticas jornalísticas nas sociedades contemporâneas.

Práticas que, como sugerem diversos autores, não acontecem mais a partir das noções de tempo e espaço que outrora marcavam o cotidiano social, numa época em que, por prevalecerem as relações face a face, não havia a mediação técnica na tomada de conhecimento do mundo à volta. Conforme nos lembra John B. Thompson,

Um dos aspectos mais salientes da comunicação no mundo moderno é que ela acontece numa escala cada vez mais global. Mensagens são transmitidas através de grandes distâncias com relativa facilidade, de tal maneira que indivíduos têm acesso à informação e comunicação provenientes de fontes distantes. Além disso, com a separação entre o espaço e o tempo trazida pelos meios eletrônicos, o acesso às mensagens provenientes das mais remotas fontes no espaço pode ser instantâneo ou virtualmente instantâneo. Distâncias foram eclipsadas pela proliferação de redes de comunicação eletrônica. Indivíduos podem interagir uns com os outros, ou podem agir dentro de estruturas de quase-interação mediada, mesmo que estejam situados, em termos de contextos práticos da vida cotidiana, em diferentes partes do mundo (THOMPSON, 1998:135).

Uma primeira consequência dessa reordenação espaço-temporal, quando nos referimos às práticas jornalísticas, é que a narrativa dos acontecimentos se dá, sempre, na perspectiva de um tempo presente, estratégia que busca não somente a sensação de que o leitor é um “participante” dos acontecimentos e de seu tempo,

mas também aquilo que Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari denominam, quando discutem modalidades de textos jornalísticos, como “estratégias de presentificação”, que em síntese, pretendem dar ao leitor uma certa “reconstituição mental” das cenas narradas. Cenas que não podem mais ser entendidas apenas em função de um cotidiano como sinônimo do geograficamente próximo, pois como indica Thompson, ao romper as barreiras espaço-temporais, as mídias nos trazem mundos distantes que, potencialmente, passam a marcar nossas ações no cotidiano, a exemplo da preocupação com o destino de crianças vítimas de terremoto acontecido em país tão distante, geográfica e culturalmente, como a China.

Importante, ainda, é lembrar das perspectivas teóricas que, de uma outra forma, apontam para o fato de que o jornalismo é fundamental para a idéia de construção do tempo presente. Desde as premissas do agendamento, postas em relevo pela hipótese do *agenda setting*, até as discussões acerca da dimensão do jornalismo como ator co-responsável pela construção social da realidade, é possível perceber nuances que sugerem ser o jornalismo imprescindível para a seleção dos temas e acontecimentos dos quais, cotidianamente, nos ocupamos. Assim, as narrativas jornalísticas não colocariam em circulação apenas acontecimentos, mas ao fazê-lo, o jornalismo nos fornece também quadros, inclusive mentais, a partir dos quais o aqui e o agora devem ser referenciados. De fato, desde que as mídias passaram a constituir presença obrigatória no cotidiano social, não nos é possível falar de um presente que não esteja por elas, em maior ou menor grau, atravessado.

É necessário, no entanto, não atribuir ao jornalismo, e ao conjunto das mídias, papel absolutamente preponderante na definição, seja do tempo presente, seja da construção das nossas noções de realidade. Assim é que identificamos novos contornos para a explicação da realidade atual do jornalismo, por exemplo, em Maurice Mouillaud, para quem os jornais diários se organizam de tal maneira que seus leitores conseguem identificá-los a partir de uma “gramática” particular, que une forma e conteúdo como elementos indissociáveis do processo de produção noticiosa e de relação com o público consumidor.

A “forma” do jornal, *grosso modo*, corresponderia aos seus dispositivos visuais, distribuição espacial das notícias, maneiras de se recolher os materiais informativos, ou àquilo que, nas palavras de Mouillaud, constituiria “os dispositivos que preparam para o sentido”. Já o conteúdo, em síntese, equivaleria ao que encontramos nos jornais como os sentidos manifestos ou latentes, a partir das múltiplas falas ali presentes, e não somente as dos operadores dos discursos midiáticos (jornalistas e/ou proprietários, por exemplo). Compreender o jornal, portanto, não é possível, na avaliação do autor, a não ser em função da organicidade que envolve conteúdos e formas. Ao lado da verificação da relação orgânica entre conteúdo e forma, sugere-nos Mouillaud,

O jornal - e a mídia em seu conjunto - não está, entretanto, face a face ao caos do mundo. Está situado no fim de uma longa cadeia de transformações que lhe entregam (...), um real já domesticado. O jornal é

apenas um operador entre um conjunto de operadores sócio-simbólicos, sendo, aparentemente, o último: porque o sentido que leva aos leitores, estes, por sua vez, remanejam-no a partir de seu próprio campo mental e recolocam-no em circulação no ambiente cultural. Se, na origem, o acontecimento não existe como um dado de “fato”, também não tem solução final. A informação não é o transporte de um fato, é um ciclo ininterrupto de transformações (MOUILLAUD, 1997:51. In: MOUILLAUD, 1997).

A abordagem proposta por Mouillaud nos parece instigante em diversos aspectos, começando pela indicação de que o “lugar” ocupado por uma informação no jornal não é mero acaso, mas já nos informa sobre um possível conteúdo. Acrescentaríamos que a escolha da forma narrativa da notícia ou da reportagem também não pode ser entendida como mero acaso, mas é indicadora, dentre outros fatores, da importância que um determinado veículo noticioso atribui ao acontecimento posto em circulação. Outro elemento importante nessa proposição é a discussão sobre um “real já entregue domesticado”, em que Mouillaud chama atenção para o fato de que os jornais não seriam os “domesticadores exclusivos do real”.

Perde assim, o jornalismo, a exclusividade sobre a “explicação” da vida social. O consumidor da notícia, se pode ter sido, ele próprio, já um “domesticador”, vai ainda reelaborar mentalmente os discursos presentes nas diversas narrativas jornalísticas. Os sentidos do mundo deixam de ser unívocos para assumirem uma condição de permanente (re)significação. Enquanto ator social, o jornal não se posicionaria, portanto, como simples mediador entre falas e interesses de outros atores sociais. Ele próprio dialoga com seus consumidores e suas fontes, seja através dos editoriais, seja pela forma da (inter)mediação.

Desse modo, a partir de Mouillaud podemos repensar alguns sentidos normalmente atribuídos ao jornalismo e encontrá-lo em suas múltiplas dimensões, contradições, silêncios, interditos. Articulando-se em múltiplas dimensões da sociedade, dos produtores e dos consumidores de informação, o “papel” do jornalismo na atualidade pode ser visto como o de um ator social que participa das mais variadas instâncias das ações humanas, informando e nutrindo-se de informações, em um processo que não tem fim, visto que alimenta-se precisamente das ações cotidianas, inesgotáveis em suas potencialidades.

Cláudio Abramo, crítica de costumes, notícia e reportagem

Jornalista que teve papel importante na história do jornalismo brasileiro, a exemplo de reformulações promovidas nos jornais *Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, Cláudio Abramo nunca foi um teórico do jornalismo, limitando-se sua contribuição a um livro póstumo (*A regra do jogo* - Companhia das Letras: 1989), que reúne alguns de seus textos publicados em jornais e entrevistas recolhidas. Dentre vários temas que o jornalista aborda, interessa-nos sua proposição do

jornalismo como uma espécie de “crítica de costumes”, que se traduziria em investigar mais profundamente os fatos noticiados, retirando deles elementos que esclareçam a dinâmica da sociedade. Tomaremos sua discussão para algumas indicações que, articuladas com as discussões anteriores, nos permitam identificar a notícia e a reportagem como duas modalidades distintas de narrativa jornalística sobre o cotidiano.

Apesar de o trecho ser longo, temos necessidade de reproduzir o que nos diz Abramo:

(...) o jornalista vai falar do sr. João da Silva, 25 anos, que morreu ontem atropelado por um automóvel marca tal, chapa tal, dirigido por Fulano de Tal, às 20:15hs. na avenida Rebouças. Também é possível dizer que o referido João da Silva era operário da construção civil, absorvia oitocentas calorias por dia e naquela noite não tinha jantado; enquanto o motorista do carro que o atropelou consome quatro mil calorias por dia e tinha tomado café da manhã com queijo, presunto, ovos e suco de laranja, almoçado picanha com batatas e jantado. Neste ponto começa a crítica dos costumes, mas só ela não basta: é preciso ter o costume da crítica. (...) O jornalista pode escrever que o operário atropelado e morto só comera uma vez naquele dia, que era casado e tinha cinco filhos, já tinha perdido dois, morava na periferia e estava atravessando a avenida porque tinha descido do ônibus que vinha de Santo Amaro e ia pegar um outro para a Penha, e gastaria nesse percurso quase duas horas e meia de seu tempo de lazer. O proprietário do carro, por sua vez, tinha gasto três minutos para chegar onde estava, vindo de seu escritório. Caso se dê a notícia simplesmente, ela não é mentirosa: aconteceu aquilo. Mas a informação pode ir mais fundo, isto é, pode se dar mais informações sobre o atropelado e o atropelador, (...). Pode se dizer que João da Silva morava na periferia porque não tinha dinheiro para pagar aluguel num bairro mais próximo do centro. Tudo isso são informações que não são acessórias (ABRAMO, 1989: 110/111).

Não chamaríamos exatamente de “crítica de costume” o que propõe Cláudio Abramo, uma vez que vislumbramos em seu relato algo que se aproxima mais da perspectiva de que o jornalismo, em suas narrativas, deve buscar o cotidiano em suas múltiplas facetas, não se limitando a tratamentos meramente superficiais. Não sugerimos, naturalmente, que ao jornalismo caiba o papel de proporcionar o conhecimento da realidade naquele sentido da primeira visão que destacamos, a partir de Genro Filho, mas vislumbramos em Abramo uma possibilidade de se levar adiante um projeto de tratar jornalisticamente o cotidiano como cenário das realizações humano-sociais tal como indicado por De Certeau e na abordagem de Mouillaud sobre a atividade jornalística.

É em função dessa última indicação que pensamos ser possível apontar alguns elementos distintos entre a notícia e a reportagem, tomando a primeira como um relato que se fixa mais no aqui e no agora, com a necessidade não só do factual, mas sobretudo da recenticidade do evento, enquanto a segunda não teria a

urgência na sua realização, nem se pautaria pelo factual como o acontecimento mais recente. Antes, o factual pode ser também aquilo que não se mostra à maneira dos fatos visíveis a partir, por exemplo, de um assalto, mas do problema da violência urbana. Busquemos algumas definições. Para Nilson Lage, a diferença entre notícia e reportagem começa já na pauta, que deve ser bem planejada no segundo caso. Falando dos aspectos que diferenciam as duas modalidades, afirma o autor:

O primeiro deles é que a reportagem não cuida da cobertura de um fato ou de uma série de fatos, mas do levantamento de um assunto conforme ângulo preestabelecido. Noticia-se que um governo foi deposto; fazem-se reportagens sobre a crise político-institucional, econômica, social, sobre a reconfiguração das relações internacionais determinada pela substituição do governante, sobre a conspiração que levou ao golpe, sobre um ou vários personagens envolvidos no episódio etc. (LAGE, 1993: 46/47).

Para Nilson Lage, a reportagem é uma possibilidade informativa ilimitada, uma vez que, além dos acontecimentos que podem suscitar uma investigação jornalística mais aprofundada a partir do factual, o jornalista também tem à sua disposição o conjunto da realidade social. Do ponto de vista narrativo, a reportagem apresenta diferenças em relação à notícia, pelo fato de poder incorporar estratégias discursivas que, por exemplo, a aproxima da literatura. Nessa mesma direção trabalham Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, acrescentando que a reportagem se distingue ainda pela narrativa de tipo impressionista e humanizadora do relato, portanto, sem a impessoalidade da notícia e seu distanciamento do leitor. Para os dois pesquisadores,

Embora a reportagem não prescindia da atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que seu teor seja predominantemente informativo. Um fato recente (a morte de uma personalidade, um casamento célebre, etc.), um assunto polêmico (discos voadores, cura do câncer, homossexualismo) ou perfis de pessoas em destaque - todos poderão ser temas de reportagens, mas só no primeiro caso haverá exigências mais severas quanto à atualidade. Assim mesmo, um fato acontecido há cinco ou dez anos poderá ser “comemorado” por uma reportagem, que reproduza quase que da mesma forma a original. É claro que isso ocorre em casos que tenham despertado, na época, um interesse expressivo e mantenham ainda certas condições de curiosidade ou importância histórica, como por exemplo, a morte do presidente Kennedy (FERRARI & SODRÉ, 1986:18).

As distinções narrativas entre notícia e reportagem, bem como o problema da contextualização do acontecimento podem ser percebidos em um texto publicado no dia 03 de maio de 2008 no jornal *Folha de S. Paulo*, no caderno *Cotidiano*, relatando o assassinato de um professor da Universidade Estadual do

Ceará, morador da cidade de Crateús. Relato curto, informa a notícia, sob o título “Militante gay, professor da Uece é morto a facadas”:

O professor da Uece (Universidade Estadual do Ceará) e militante gay Luís Palhano Loiola, 40, foi encontrado morto com perfurações de faca em sua casa, em Crateús (354 km de Fortaleza), anteontem. Para a Polícia Civil, a hipótese mais forte é a de latrocínio, pois bens foram levados. Para entidades do movimento gay, o crime foi um ato de homofobia. Loiola era professor-adjunto e vice-diretor da Faculdade de Educação de Crateús, vinculada à Uece. Também era ativista do movimento gay e estudioso de temas como homofobia e educação sexual. Até a tarde de ontem, a polícia não tinha suspeitos. Uma vizinha disse que o professor possivelmente tenha recebido pessoas conhecidas na madrugada de quinta-feira. A ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais) enviou ontem ofício à Secretaria Especial dos Direitos Humanos, ligada à Presidência da República, pedindo a investigação do crime (FERNANDES, Kamila. FOLHA DE S. PAULO: 2008).

Do ponto de vista das informações essenciais para a divulgação do crime, não resta dúvida de que a narrativa é objetivamente competente. O que há a destacar, no entanto, é que, da forma como os dados são apresentados, não foram problematizadas as próprias dúvidas que o texto suscita, não se chegando, portanto, às possibilidades de compreensão das motivações do fato. Por exemplo, a contradição entre a versão da polícia e dos movimentos gays acerca da natureza do crime, se latrocínio ou motivado por homofobia. Largamente disseminada nas práticas sociais cotidianas, a homofobia poderia ser objeto, a partir do crime relatado, de alguma explicação por um especialista. Algumas outras questões poderiam ser levantadas, a exemplo do número de crimes motivados por homofobia no Brasil. Dados como estes, em tempos de Internet, podem ser levantados com extrema facilidade, sem mesmo necessidade de entrevistas complementares. A título de ilustração, o Grupo Gay da Bahia divulga anualmente o número de assassinatos por homofobia, indicando perfil de vítimas e agressores, além de outros dados sócio-culturais de envolvidos. Os dados podem ser acessados no *site* do Grupo sem prejuízos para o tempo necessário para a entrega de qualquer texto noticioso que refira-se a homofobia. Ainda que não se produzisse uma reportagem a partir desse evento, certamente seria possível melhor contextualizar o problema social que ele encerra.

Podemos ainda apontar para uma outra reflexão, a partir da proposição de Thompson de ruptura das noções tradicionais de tempo e espaço que nos marcam modernamente, qual seja, a de que não somente na instância de consumo das informações teríamos reflexo de tal ruptura, mas também na instância de produção. Ou seja, com as facilidades tecnológicas de que dispõem jornalistas, as distâncias geográficas e as restrições de tempo são crescentemente relativizadas. O acesso a dados que permitam melhor identificar os significados de determinado acontecimento, conseqüentemente, e a depender, naturalmente da natureza dele, é

uma realidade. Ponderadas questões como credibilidade das informações disponibilizadas na Internet, e novas mobilidades para obtenção de dados, como entrevistas *on-line* realizadas por instrumentos populares na rede, como *Messenger* ou *Skipe*, vislumbra-se, portanto, novas potencialidades para apuração e redação de informações jornalísticas.

Últimas considerações

Ao buscarmos o cotidiano e suas relações com o fazer jornalístico, tentamos ressaltar, para além das várias abordagens possíveis do cotidiano e do jornalismo, e sem a preocupação de uma revisão teórico-metodológica das duas áreas de investigação, como as definições de notícia e reportagem, duas das mais importantes na demarcação das reflexões prático-teóricas sobre o jornalismo, se articulam diferentemente com o cotidiano.

Se realizada com cuidados éticos, a reportagem amplia as possibilidades de desvendamento do universo simbólico que marca as atividades humanas cotidianas, contribuindo para que as diversas vozes possam ter oportunidade de se posicionarem, uma vez que é necessário sempre frisar a natureza assimétrica que marca as negociações que os indivíduos realizam em suas ações cotidianas, incluindo aí a assimetria também nos espaços dedicados pelas mídias noticiosas a temas em função da suposta importância ou legitimidade dos atores sociais envolvidos nos acontecimentos.

Vale ainda destacar que, ao apontarmos limitações nos enfoques que vêm o homem e o jornalismo como essencialmente racionais, não estamos a propor o oposto radical como norma. Inclusive, uma distinção faz-se necessária: a produção jornalística é um processo que, do ponto de vista administrativo, tem que pautar-se pela organização racional, como bem demonstram as estruturas de redações de veículos impressos e eletrônicos. Não se trata apenas da administração burocrática que permitirá o funcionamento das atividades previstas cotidianamente nas redações, mas também de se organizar em termos de espaço destinado a determinado evento noticiado, seja a mancha impressa, sejam os segundos e/ou minutos que cada notícia ou reportagem ocupará nas emissoras de rádio e televisão e nas páginas da *web*.

Ao consumir determinada informação é evidente que há por parte do indivíduo uma determinada “racionalidade”, no sentido de que ele seleciona, dentre várias notícias, aquelas que têm para ele um sentido mais “pragmático”: orientá-lo quanto aos indicadores econômicos, resultados esportivos, previsão do tempo, acontecimentos sociais, políticos, policiais, culturais, agenda de eventos, horóscopos, palavras cruzadas, quadrinhos e tudo o mais que o espaço jornalístico comportar. O que entendemos, no entanto, é que o jornalismo é apenas mais uma dentre as diversas formas de se entrar em contato com a vida cotidiana, e a própria diversidade que ele traz em si já é um indício que por ali nem tudo passa pela

racionalização, na perspectiva de se estar permanentemente à procura de uma explicação para os eventos que nos envolvem em nossas atividades cotidianas.

Referências

- ABRAMO, Cláudio. *A regra do jogo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BRETAS, Beatriz. Interações cotidianas. In: GUIMARÃES, César e FRANÇA, Vera (orgs.). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- CERTEAU, Michel de. *Artes do fazer: a invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- COIMBRA, Oswaldo. *O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura*. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- FERNANDES, Kamila. Militante gay, professor da Uece é morto a facadas. In: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0305200819.htm>
- FERRARI, Maria Helena & SODRÉ, Muniz. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus Editorial, 1986.
- FRANÇA, Vera Regina Veiga. *Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê!, 1987.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- _____. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- MOUILLAUD, Maurice & PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O jornal da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- SODRÉ, Muniz. *Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. Petrópolis: Vozes, 1996.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.